

INTRODUÇÃO à MITOLOGIA

Marly N Peres

1

AMOSTRA

70

Rio de Janeiro, 2025

Sumário

Sobre a metodologia	7
Apresentação	9
<i>Era uma vez... na Grécia</i>	11
Teogonia	15
Figuras mitológicas	31
Primórdios	51
Gerações	59
A Grande Deusa e os mitos femininos	99
4 mitos arquetípicos da cultura ocidental	119
Tragédia	137
Catarse	157
Oráculo	
O mundo de Homero e Ulisses	175
Referências bibliográficas e 1 filme	199

Sobre a metodologia

Na elaboração de um curso de Filosofia, ou do material pedagógico respectivo, surge sempre a questão do critério: cronologia ou campos da própria Filosofia (ética, estética, metafísica, lógica etc.)?

O mero ordenar cronológico deixa de fora a discussão que remete os conteúdos à vida real do aluno. Assim também a classificação por autores, que impede a articulação dos temas.

Este livro tem a modesta pretensão de fazer uma introdução que leve em consideração um conjunto de elementos que coabitam com a Filosofia e que compõem desde sempre o contexto no qual ela se desenvolve.

A intenção não é fornecer quadros completos, fechados, acabados, mas sim dar pistas para a reflexão – pois, afinal, o que é filosofar, senão pensar por si próprio?

A discussão filosófica brota da vida. Costuma-se dizer que o próprio início da Filosofia, na Grécia, foi o espanto. O que é provavelmente verdade. Hoje, ainda, é ela que pode vir em nosso socorro, nos ajudando a encontrar o fio dourado que nos ajude a sair do labirinto – o labirinto do excesso de informação, de um mundo cheio de mentiras e de violência, de diálogos de surdos, de planeta em perigo, de multiplicação

de redes sociais e tecnologias em progressão geométrica – por vezes transbordante, angustiante.

Acredito firmemente que a introdução a esse fio histórico formado pelos pensadores pode nos ajudar a lidar melhor com tudo isso, ou seja, pode (e deve) nos ajudar a viver bem.

AMOSTRA

Apresentação

Este livro se faz acompanhar de outros dois livros: *INTRODUÇÃO À FILOSOFIA* e *PRIMEIROS PASSOS EM FILOSOFIA ANTIGA*. E é bem disso que se trata: de percorrermos juntos os primórdios da história do imaginário do Ocidente, sem o qual a Filosofia não teria sido o que ela é, nem feito como se fez. Ela é resultado de um processo histórico (e não o “milagre grego”), por isso esta primeira fase da civilização ocidental, a do mito – ou pré-Filosofia, como preferimos – é essencial e determinante.

AMOSTRA

Era uma vez... na Grécia

Era uma vez um Deus que estava com uma tremenda dor de cabeça. Seu nome: Zeus, a divindade maior. Ele foi ter com Hefesto, o Deus ferreiro, e pediu que ele lhe abrisse o crânio. Dele saltou então Athena, aquela que seria para sempre sua filha diletta. A que teria a última palavra – a que encarna os valores da civilização, a excelência humana. Deusa da sabedoria e da justiça, patrona da cidade de Atenas. Controlada, determinada, serena. Deusa sagaz, lógica e equilibrada, ela é guerreira e protege os valentes, por isso é guardiã de vários heróis, entre eles Perseu e Ulisses – mas as armas que oferece a seus protegidos devem sempre ser usadas com inteligência, planejamento e maestria. Athena é sábia, mas pode ser dura. A filha sonhada por todo pai.

Mas e sua mãe? Ah, essa ele tinha engolido quando ficou sabendo pelo oráculo que ela estava grávida – e que se fosse um filho o destronaria. Como ele, Zeus, tinha feito com o pai, Chronos (o Tempo), que tinha feito a mesma coisa com o pai dele, Urano (o Céu estrelado). Histórias de sucessão. Eminentemente masculinas.

Para preservar o poder, Zeus decidiu então engolir a Deusa grávida. Ela se chamava Métis e encarnava

uma série de qualidades que seriam associadas à mulher em geral, no pensamento e imaginário gregos: a astúcia, a simulação, a dissimulação, a flexibilidade de espírito, a traição, o engodo; e também o oportunismo; a capacidade de ficar à espreita e escolher o bom momento para ‘dar o bote’. Zeus pediu a ela que se transformasse em gota de orvalho e a devorou de uma só vez.

Pergunta: como a Deusa da metamorfose e da astúcia se deixaria enganar dessa forma? Por que ela se transformou? Algumas leituras do mito defendem que foi porque ela quis assim – internalizada pelo soberano Deus, Métis poderia então governar, compartilhar o poder ao qual não teria acesso de outra forma. Mas essa é outra história. Voltemos a Zeus e Athena.

Como ela é, formalmente, a filha do pai (sua mãe não aparece em nenhuma figuração do panteão grego, apesar de ter sido a primeira esposa de Zeus), ela simboliza o que o pai sonha como filha: justa, sábia, inteligente..., mas virgem eterna, que recusa todo outro masculino que não ele mesmo; fria, desprovida de sensualidade – até porque não tem referencial feminino.

Quanto a ele, engoliu esse elemento feminino e assim se tornou o Deus que reinará para sempre. Por isso reza a tradição que “por trás de um grande homem há sempre uma mulher”: no mito, é dentro.

Lição: Quando somamos a força e a astúcia, a sagaz prudência, quando somamos o elemento mas-

culino e o feminino, temos o equilíbrio e geramos a justa sabedoria. O que permite eternizar a detenção do poder.

Haverá metáfora mais atual?

AMOSTRA

AMOSTRA

TEOGONIA

“[...] o espírito humano é um pedaço da Natureza, talhado no estofo dos elementos; o divino é o fundo da Natureza, o tecido inesgotável, a tapeçaria sempre em movimento, onde, sem fim, se desenham e apagam as formas”.

J.-P. Vernant

A origem dos Deuses e suas 3 gerações

Jung chama de arquétipos aquilo que molda e transforma nossas vidas, em determinados momentos. Arquétipo, em grego, significa **modelo primitivo, ideias inatas**. Jung afirmou que “Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos, que existem sempre a priori.” Os Deuses gregos – e o que eles representam – são nossos arquétipos.

Não se trata de acreditar em Deuses, mas de explicar os fenômenos por meio daquilo que eles simbolizam e significam. Os gregos tinham na figura dos

Deuses **padrões**. Cada divindade era associada a um elemento da natureza e/ou a um traço de comportamento, a instintos, emoções, percepções, sentimentos. Eles simplesmente atribuíam a **cada força um nome**. Esses nomes só parecem diferentes dos nossos porque são gregos, mas se traduzidos significam Caos, Terra, Impulso Amoroso, Céu, Onda do Mar, Trevas, Harmonia, Força etc.

O mito grego retrata – de modo simbólico – elementos presentes em nossa vida de todos os dias. Assim, o Caos gera a Noite e o Negrume profundo; os filhos da Noite são a Morte, o Sono e a Discórdia; da Discórdia nascem por sua vez as Querelas, as Mentiras, o Juramento e o Esquecimento.

Venerar os Deuses, respeitá-los e honrá-los significa respeitar e **honrar o princípio** (*arché*) **que rege, que regula**, ou seja, a origem de cada uma e de todas essas facetas em nós mesmos e no conjunto da sociedade.

Jung afirma que o indivíduo neurótico é unilateral, o que também vale para a cultura como um todo. Uma sociedade doente é aquela que não integra e harmoniza adequadamente esses elementos; para ele, nosso mundo está doente porque acentuou o lado patriarcal da cultura, como consequência da religião monoteísta (em suas 3 versões irmãs) que domina o mundo. O equilíbrio resulta da proporção de *anima* e *animus* em cada indivíduo e grupo social; equilíbrio simbolizado, por exemplo, pelo modelo ‘Zeus’ em sua relação com o feminino.

Nas religiões consideradas pagãs pelo monoteísmo há um equilíbrio, são reverenciadas divindades femininas e masculinas. Nas religiões orientais ambos os princípios permanecem, por exemplo, *yin* e *yang* na chinesa. Desde épocas pré-históricas, nas religiões antigas, o princípio da vida foi associado à figura feminina: Gaia na Grécia, Isis no Egito, Istar na Babilônia, Astarte em Canaã, Inana na Suméria, Cibele na Ásia Menor.

Mas é na Grécia, justamente, que acontece o que chamamos de “**dispersão da Deusa**”. O processo histórico já conhecemos: entre os séculos XX e XVI antes de nossa era, indo-europeus invadem a península egeia (Hélide). Eles vêm do sul da Rússia e dos Bálcãs. A integração é relativamente pacífica. Os patriarcas recém-chegados incorporam os costumes matriarcais locais e dessa mistura resulta a poderosa realeza micênica, guerreira, que floresce entre os séculos XVII e XII antes de nossa era. Os aqueus se impõem (*Ilíada*). Surge a **figura do herói**.

O grande palácio de Cnossos é destruído por volta do século -XV, o que, somado às invasões subsequentes, aniquila a cultura cretense (autóctone e matriarcal). Por volta do ano -1200 chegam os dórios, novos invasores vindos de noroeste. Superiores em termos militares, eles expulsam os aqueus. Tinham armas de ferro e seus guerreiros lutavam montados, enquanto os aqueus só conheciam as armas de bronze e lutavam a pé. Nessa transição já aparecem alguns elementos

do patriarcado que se instalaria de vez: quando Apolo mata a serpente Píton, está sendo feita uma referência à captura do relicário da Deusa da terra, de Creta; quando Perseu mata a Medusa, está sendo destruído o culto à Deusa no qual se vestia uma máscara de Górgona para assustar e manter afastados os não iniciados. Isso não quer dizer que houvesse uma dominação feminina. Não havia; mas o que se sabe é que os Antigos conheciam os riscos de se eliminar e negar o feminino, assim como sabiam que se os dois elementos estão presentes há mais chance, diante de um problema, de se chegar a uma **resolução equilibrada**.

O processo histórico de divisão da Grande Deusa durou cerca de 1000 anos (de 1600 a 700 antes de nossa era): ela foi desintegrada, e cada uma das qualidades distribuída a uma Deusa em particular. Antes, a Grande Mãe era ao mesmo tempo a Deusa do Amor, a Rainha da Morte, a Protetora, a Senhora das Feras, a Senhora das Plantas, a Mãe de Tudo, a Rainha dos Céus. Com a incursão das tribos patriarcais, as qualidades inerentes a cada Deusa as faziam competir entre si. E o poder seria detido pelo masculino. Como na sociedade aristocrata real, retratada no mito. Veremos adiante com mais detalhes.

Os valores dessa sociedade eram transmitidos pelo *mythos* – em grego, literalmente, **palavra que narra**. As histórias e personagens são uma representação das origens, do passado da comunidade, uma **reflexão profunda sobre a condição humana**.

Gerações divinas

A **cosmogonia** (explicação sobre o surgimento do mundo) é uma explicação de mundo baseada na noção de acasalamento: princípio feminino + masculino, ou seja, associação por contraste, união de opostos. O funcionamento do universo é explicado a partir das forças da Natureza, por pares que promovem a **gênese do cosmos** e de seus componentes. Note-se que o **mito é uma narrativa, uma explicação, não a solução de um problema**. Ele exprime uma verdade essencial, é modelo de realidade. Em Hesíodo, é uma teoria de organização progressiva do cosmos, uma evolução, a vitória da luz sobre as trevas, da harmonia sobre a desordem e a violência.

Lembrando que cosmogonia = explicação sobre o surgimento do mundo. E teogonia = explicação sobre o surgimento dos Deuses.

Esses Deuses ligados às origens do mundo são **genitores, mas não criadores**. As chamadas gerações divinas são 3, e a última habita para sempre o Olimpo, onde Zeus impera soberano, depois de conquistar o poder detido pelo pai que destrona (o Tempo).

Nos primeiros versos da *Teogonia*, Hesíodo nos diz: “E no princípio era o Caos. E depois a Terra de vasto seio, sede e assento inquebrantável de todos os imortais que habitam os picos do Olimpo [...] A Terra gerou seu igual em grandeza, o Céu estrelado, que a cobriria com sua abóbada e serviria de morada eterna